

2ª PARTE

Estudios

Sânzio de Azevedo Ensaísta

Dimas Macedo

Difícil, extremamente difícil um curioso leitor dos encantos da historiografia literária cearense que, por qualquer motivo, não tenha lido um ou alguns dos livros do escritor Sânzio de Azevedo, um dos luminares das letras contemporâneas do Ceará.

Sânzio de Azevedo é escritor de prosa fluente e segura e, também, analista literário, de rara capacidade de inteligência e de interpretação da ambiência que busca aprender e nos comunicar. Por tudo isto, aliás, é que a leitura de seus livros e de suas pesquisas históricas é sempre um convite a novas descobertas e a novas modalidades de prospecção.

Para tanto, bastaria a leitura dos seus livros - *Literatura cearense* (Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976), *Novos ensaios de literatura cearense* (Fortaleza: Edições UFC, 1992) e *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará* (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1983), por cujas páginas perpassam o equilíbrio do ensaísta e a aguda percepção do observador das contradições e da dialética que informam o desenvolvimento de nossa mentalidade sócio-cultural.

Sobre a sua produção literária, assim se expressou o poeta Artur Eduardo Benevides: "Sânzio é um pesquisador de mão cheia, cousa, aliás, a que se dedica com o maior interesse e seriedade, como atividade maior do seu espírito e o resultado é que, hoje em dia, já ninguém pode escrever sobre a vida ou a produção literária do Ceará, sobretudo do século dezanove, sem ler antes os seus lúcidos e coerentes estudos".

Quem se der ao trabalho de ler os seus *Dez ensaios de literatura cearense* (1985), publicados pela coleção Alagadiço Novo, do Programa Editorial da Casa de José de Alencar / UFC, verá, com certeza, confirmada a assertiva que acima buscamos transcrever. Basta que o leitor, ao acaso, se demore em qualquer das páginas do citado livro, da mesma forma, aliás, como nelas naveguei, e aí observará o quão tor-

mentosamente difícil será o não se acercar do seu fim. Estudos como “Júlio Maciel e a Poesia do Seu Tempo”, “Rodolfo Teófilo e o Amor à Verdade”, “José Alcides Pinto – Vanguardista e Romântico” e “Rachel de Queiroz e o Romance da Seca”, incluídos no volume, conferem, a Sânzio de Azevedo, um lugar entre os grandes ensaístas do Brasil.

Os seus livros são infiltrados da mais densa capacidade de comunicação. E isto acontece porque o processo de revisão crítica da literatura cearense tem encontrado, em Sânzio de Azevedo, o seu intérprete mais competente e o seu pesquisador de maior expressão e reconhecimento.

Em 1982, há exatos vinte e cinco anos, Sânzio de Azevedo legounos um dos livros fundamentais da sua produção. Refiro-me a *Aspectos da literatura cearense* (Fortaleza, Imprensa Universitária da UFC), uma coletânea de estudos focalizando figuras de relevo da nossa história literária ou, muitas vezes, exumando da poeira do tempo valores injustificadamente esquecidos.

A produção de Sânzio de Azevedo nunca se restringiu somente ao fenômeno literário regional. Muito pelo contrário, ela sempre se ampliou para absorver outros setores da nossa formação cultural, ainda hoje à espera do seu historiador-intérprete.

Aliás, por nos reportarmos ao assunto, diga-se, por igual, que a literatura brasileira, e especialmente a cearense, somente há duas ou três décadas é que realmente assistiu ao surgimento daqueles seus historiadores titulares de uma visão crítico-interpretativa das nossas mais autênticas manifestações.

Aspectos da literatura cearense, além de constituir-se em trabalho deveras alentado, se arvora igualmente em realização editorial sobremodo lúcida, do que se depreende que a quantidade, em nenhum momento se sobrepôs à qualidade dos escritos. O livro de Sânzio de Azevedo é composto de dezesseis ensaios, a maioria dos quais já anteriormente publicada de maneira esparsa, em revistas de grande circulação ou como introdução a edições críticas de alguns títulos de autoria dos escritores sobre cuja a atuação intelectual se debruça neste seu inventário.

Nas 359 páginas de *Aspectos da literatura cearense*, reúne Sânzio de Azevedo estudos em torno da personalidade e da obra literária de Antônio Sales, José Albano, Lívio Barreto, José de Alencar, Joaquim de Sousa, Américo Facó, Papi Júnior, Carlos Gondim, Oliveira Paiva, Mário da Silveira, Cruz Filho, Juvenal Galeno, Alf. Castro, Adolfo Caminha, Braga Montenegro e Otacílio de Azevedo.

Professor do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras, onde ocupa a cadeira número 1, que tem como patrono Adolfo Caminha, Sânzio de Azevedo é Doutor em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, havendo sua dissertação de doutorado versado sobre *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará* (1983). Tese, aliás, que ratifica, com melhor empenho, a sua vocação para a pesquisa e a análise da nossa história literária, buscando exaltar os seus momentos mais significativos.

Aspectos da Literatura Cearense, em verdade, nos parece um livro concebido e executado por um escritor de talento. É trabalho que, no seu contexto, busca resgatar para o universal o que injustificadamente repousa entre as cinzas de uma das muitas regiões culturais do Brasil. E, neste passo, busca o autor atender a uma sugestão pela qual muito se bateu o professor e crítico literário Afrânio Coutinho, no sentido de que a história da literatura brasileira seja levantada a partir das suas manifestações no âmbito das suas diversas províncias culturais.

Quando, em 1976, entregou ao público a sua portentosa e monumental *Literatura cearense*, Sânzio de Azevedo já deixava antever que naquele momento estava se descortinando um horizonte novo para a nossa história literária; descortino, aliás, que se lastreava numa já produtiva atividade intelectual anterior, a qual se confirmaria com a publicação de outros seus trabalhos de reconhecido valor. E entre eles é justo que se ressalte este seu, sobremodo instigante, *Aspectos da literatura cearense*, para que assim se possa conferir a Sânzio de Azevedo os méritos de que é merecedor.

Sânzio de Azevedo, sendo erudito e culto como poucos ensaístas brasileiros da sua geração, é, entretanto, um escritor que não se deixa seduzir pela consagração que justamente desfruta em âmbito regional, e até mesmo nacional. Tal como o seu pai, o poeta Otacílio de Azevedo, Sânzio é um operário das letras, fiel ao seu destino de esteta, e mais do que isso: um ensaísta de múltiplas e variadas facetas a quem devemos render as nossas homenagens.

Em torno de Joaryvar Macedo

Dimas Macedo

Falar da personalidade e, principalmente, da obra literária e historiográfica de Joaryvar Macedo constitui tarefa que dignifica e, ao mesmo tempo, põe em desafio a argúcia do intérprete, uma vez que se intenta tratar da projeção de um homem de letras que “notabilizou-se como um dos mais autênticos pesquisadores da história do seu Estado”.

Considerado por Raimundo Girão como sendo “o mais abalizado historiador do sul do Ceará”, Joaryvar Macedo nasceu no Sítio Calabação, a oito quilômetros da cidade de Lavras da Mangabeira, aos 20 de maio de 1937, sendo filho de Antônio Lobo de Macedo, poeta popular e político influente em seu município de origem, e de Maria Torquato Gonçalves de Macedo.

Na terra natal, estudou as primeiras letras com as professoras Teresita Bezerra, Irony Gonçalves, Adelize Macedo e Nícia Augusto Gonçalves, entre outras. Posteriormente, foi aluno do Seminário Diocesano do Crato e do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, cursando inclusive Teologia nos Seminários Arquiepiscopais de Olinda, Recife e João Pessoa. Em 1965, ingressou na Faculdade de Filosofia do Crato, onde se licenciou em Letras, colando grau aos 7 de dezembro de 1968, sendo na oportunidade orador oficial da turma, possuindo ainda curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Católica de Salvador.

Depois de formado, abraçou a carreira do magistério, que exerceu com proficiência e afinco, principalmente como professor da Faculdade de Filosofia do Crato e de vários estabelecimentos de Ensino de Juazeiro do Norte. Ensaísta e historiador, em 1974 fundou o Instituto Cultural do Vale Caririense, que dirigiu por mais de uma década e do qual foi aclamado presidente perpétuo, dedicando-se como pesquisador aos estudos da formação étnica, histórica e cultural da Região do Cariri.

Sendo admirável “a extensão de sua cultura e a perseverança de suas linhas de pesquisa, qualidades que escondia atrás de uma personalidade simples e de aparência tímida”, como bem acentuou o escritor Murilo Martins, o certo é que Joaryvar Macedo, “revelando uma excepcional tendência para a pesquisa histórica, sua atuação nessa área logo se mostrou tão ampla e profunda, que se passou a ver na projeção do seu trabalho um desdobramento da escola instaurada por Irineu Pinheiro e padre Antônio Gomes de Araújo, fixando-se neste último a sua linha de ação”, consoante o ponto de vista do ensaísta e crítico literário F. S. Nascimento.

Sobre a evidência de ser Joaryvar Macedo o representante mais legítimo e o mais profundo continuador da escola histórica do Cariri, em 1984, no meu livro *Leitura e conjuntura*, eu já havia afirmado o seguinte com relação à sua envergadura de intelectual: “Joaryvar Macedo é um escritor inquieto, porém um homem polidamente tratável. É valor maior das letras sul-cearenses no momento atual, porque, quem começar a leitura da história da Região Caririense pelas obras de Irineu Pinheiro e resvalar pelos ensinamentos do padre Antônio Gomes de Araújo, terá fatalmente que ancorar nos seus trabalhos históricos sobre a conquista, o povoamento e formação étnica e social do ubertoso vale”.

Além de farta produção esparsa em jornais e revistas do Ceará e de outros Estados, publicou Joaryvar Macedo os seguintes trabalhos: *Caderno de loucuras – 1965; Discurso de Orador Oficial da Turma – 1968; Apresentação de Fagundes Varela – 1971; Os Augustos – 1971; Otacílio Macedo – 1970; Um Bravo caririense – 1974; O Poeta Lobo Manso – 1975; Templos, engenhos, fazendas, sítios e lugares – 1975; A Estirpe da Santa Teresa – 1976; Pedro Bandeira, príncipe dos poetas populares – 1976; Fagundes Varela e outros rabiscos – 1978; Influência de Portugal na formação étnica e social do cariri – 1978; Origens de Juazeiro do Norte – 1978; Presença Inconcussa de Norte-rio-grandenses na Colonização do Cariri – 1979; Composições Poéticas de Hermes Carleial – 1979; O Contingente paraibano na colonização do Cariri – 1980; Autores caririenses – 1981; Lavras da Mangabeira – dos primórdios a vila – 1981; Alencar Peixoto,*

um clássico – 1981; *Pernambuco nas origens do Cariri* – 1981; *Orações Acadêmicas* – 1983; *O Talento Poético de Alencar e Outros Estudos* – 1984; *São Vicente das Lavras* – 1984; *Um Vernaculista e um Poeta* – 1985; *Povoamento e povoadores do Cariri cearense* – 1985; *Discursos Acadêmicos* – 1986; *Lavras da Mangabeira* – 1986; *Temas históricos e regionais* – 1986; *Ocorrências e personagens* – 1987; *Antônio Lobo de Macedo: o homem e o poeta* – 1988; *Império do Bacamarte* – 1990; *Ensaio e perfis* – 2001; e *Na esfera das letras* – 2009.

Da bibliografia acima, dois livros tão somente seriam suficientes para dignificar a reputação de Joaryvar Macedo como um dos mais eruditos historiadores do Ceará. Trata-se de *A Estirpe da Santa Teresa* e de *Império do Bacamarte*, sem a necessidade de outros comentários, bastando apenas mencionar que, com essa última obra, Joaryvar Macedo “estabeleceria um novo marco na historiografia política no nosso Estado, oferecendo aos cientistas dessa área e aos estudiosos dessa temática sociológica, o mais completo ensaio do gênero até hoje escrito no Nordeste brasileiro”, segundo a opinião abalizada do escritor F. S. Nascimento, com a qual inteiramente concordamos.

Joaryvar Macedo consolidou sua formação cultural estabelecido na região e tratando quase que exclusivamente da temática histórica do Cariri, o que não o impediu de ter “uma visão histórica do Brasil através da região em que viveu”. Em 1983 transferiu-se para Fortaleza, indo inicialmente ocupar as funções de assessor especial do Presidente do Conselho de Educação do Ceará. Em seguida, viria a exercer as funções de Secretário de Cultura e Desporto do Estado do Ceará e as de Presidente do Conselho Estadual de Cultura, tendo, em 1986, sido eleito para a Academia Cearense de Letras e, posteriormente, para o quadro dos sócios efetivos do Instituto do Ceará.

Professor da Universidade Regional do Cariri/URCA e chefe do seu Escritório em Fortaleza, Joaryvar Macedo foi ainda membro do Conselho Estadual de Educação. Foi, outrossim, um dos raros escritores cearenses a ser agraciado, pelo Governo do Estado, com a Medalha José de Alencar, honraria máxima a que um intelectual pode aspirar na Terra de Iracema.

Sócio efetivo, correspondente ou honorário de várias instituições culturais, nacionais e internacionais, e detentor de vários tributos e comendas, Jorayvar Macedo faleceu em Fortaleza, aos 29 de janeiro de 1991, constituindo, a sua morte prematura, uma das maiores tragédias que se abateram sobre o desenvolvimento da historiografia cearense.

Em vida, foi Joaryvar Macedo a própria história do Cariri movimentando-se, expressando-se em gestos e palavras, dimensionando-se nas páginas dos livros e opúsculos que nos legou e nos trabalhos esparsos respingados na imprensa caririense e na *Revista do Instituto do Ceará*, cujas páginas enriqueceu com a originalidade e a percuciência das suas muitas observações.

“Homem calmo, de sólida cultura, não sabe fazer alarde pessoal dos seus conhecimentos. É valor autêntico da cultura caririense que começa a espriar-se por aí afora”. Dele disse o saudoso escritor J.de Figueiredo Filho quando, em data solene para a história das letras sul-cearenses, o recebeu como membro efetivo do Instituto Cultural do Cariri.

Sem nenhuma dúvida, foi Joaryvar Macedo uma das personalidades mais ilustres das letras cearenses e um dos mais eruditos historiadores do Ceará, cuja formação histórica pesquisou com a argúcia e o devotamento de um beneditino.

Em todos os seus trabalhos de pesquisa, Joaryvar Macedo primou por um estilo eloquente, e, sempre que expendeu juízos em torno de fatos históricos, o fez com a melhor clareza de raciocínio. A sua linguagem literária revela-se, em todo o seu percurso, recheada de filamentos retóricos, demonstrando-nos o seu autor possuir a dotação de um clássico, sendo ele um moderno.